

Movimento faz crescer violência em Jucutuquara

Jucutuquara, um dos bairros mais tradicionais de Vitória, deixou de ser uma vila ocupada por funcionários públicos e operários. Hoje, suas características residenciais confundem-se com o comércio e os setores de serviços, institucional e industrial, transformando o local numa continuação do centro da capital. A vida pacata faz parte do passado de sua gente, obrigada a conviver com o intenso trânsito de veículos, que corta o bairro, e a insegurança. Jucutuquara — incluindo os morros do Cruzamento e do Rio Branco, além de Fradinhos — é a terceira região mais violenta da cidade, segundo a Polícia Militar. O curioso disso é que o bairro possui uma delegacia da Polícia Civil.

Pessoas de classe média em sua parte baixa e favelados no alto dos morros vivem ali. A maioria dos atuais moradores não tem raízes com história de Jucutuquara, berço de dois dos mais tradicionais times de futebol da capital: o Rio Branco e o Vitória. As duas agremiações tinham sede no bairro, apesar do campo do Vitória estar em outro local. O estádio do Rio Branco antes de ser transferido para Campo Grande, em Cariacica, funcionava no mesmo lugar do hoje pertencente à Escola Técnica Federal do Espírito Santo. O bairro em 1989 tinha mais de 4 mil pessoas, segundo a PMV. E Fradinhos mais de mil.

Decadência

A descaracterização do bairro foi ocorrendo lentamente com a morte de antigos moradores, a transferência de outros para novos endereços e a chegada de forasteiros. A mudança do Rio Branco, o fechamento do cine Trianon e da União Manufatora de Tecidos — a principal indústria — e o quase desaparecimento das festividades promovidas pela Igreja Católica de São Sebastião deixaram Jucutuquara mais triste. Prova disso, também, é que a paróquia do bairro, chamada de São Sebastião

— padroeiro do lugar —, teve seu nome mudado para Nossa Senhora das Graças.

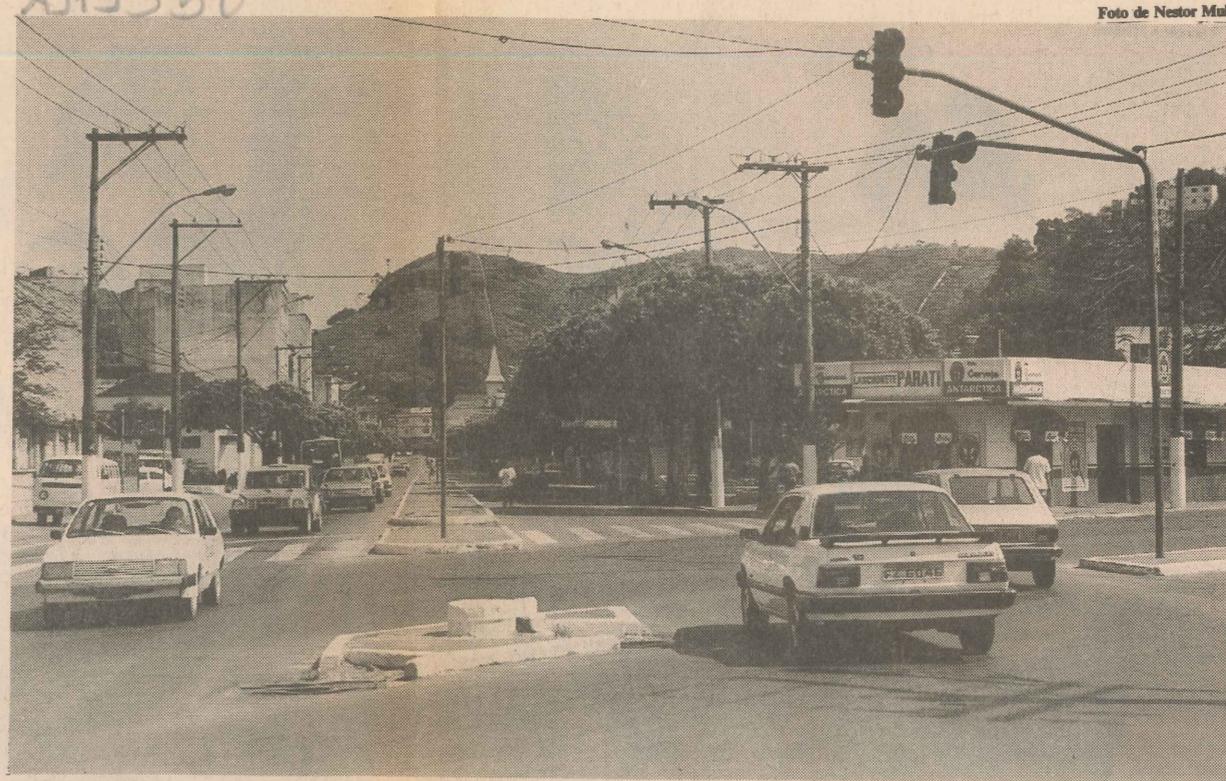
A decadência em que o bairro mergulhou, no campo cultural, principalmente, só é esquecida nos últimos anos quando chega o carnaval. A Escola Unidos de Jucutuquara, tricampeã, consegue unir crianças, jovens e idosos no compasso de sua bateria, comandada por mestre Ditão. Quem viveu a juventude no bairro sempre volta nessa hora. Muitos chegam a acreditar que a escola é o “coração” de Jucutuquara.

Ponto de encontro

Os bares “Copa 70”, de David José Carminati, 54 anos, e do Ceará (Lourival Nepomuceno da Silva, 53 anos) são pontos de encontro de antigos e velhos moradores. O primeiro é famoso por seu caranguejo. Já o outro pelo peixe frito e a batida de maracujá.

David abriu seu bar em 70, antes da Seleção Brasileira conquistar o tricampeonato mundial no México. Era lá que a torcida verde e amarela vibrava. Ele está há 28 anos no bairro e sente saudade da procissão de São Sebastião, dos leilões, do bonde, do cine Trianon e do Rio Branco. “Comercialmente, o bairro melhorou bastante. Não precisamos ir ao Centro para comprar nada. Em compensação a criminalidade aumentou. Vivemos hoje intranquilos”, afirma. O seu bar já foi arrombado quatro vezes. Para não atrair os assaltantes, David retirou a televisão e o som do estabelecimento. O segredo no preparo do caranguejo ele diz que está no molho e na compra do marisco fresco todos os dias.

Ceará está há 31 anos em Jucutuquara. Ele gosta da localização privilegiada do bairro, entre o centro da cidade e a Praia do Canto, no lado norte. Hoje, ele acredita que os moradores do bairro têm um poder aquisitivo mais elevado que no passado. “Muitos vieram do interior porque os filhos foram



Na Avenida Paulino Muller está o metro quadrado mais caro para estabelecimentos comerciais no bairro

estudar na ETFES e na Ufes”, conta. A animação que o cinema, a boate e restaurante Rock e o time do Rio Branco traziam ao bairro deixa saudades.

Ocupação

O metro quadrado mais caro para estabelecimentos comerciais fica na Avenida Paulino Muller, a principal via que corta o bairro, ligando-o à Beira-Mar e a Maruípe. O valor gira em torno de Cr\$ 50 mil a Cr\$ 60 mil, de acordo com o presidente da Associação das Empresas do Mercado Imobiliário do Espírito Santo (Ademi), Pedro Paulo Perim, 39 anos. Na área residencial, o terreno vale até Cr\$ 20 mil.

Jucutuquara, segundo o PDU (Plano Diretor Urbano) possui dois tipos de gabarito para disciplinar as construções erguidas ali, como acontece em Fradinhos. Na parte baixa, até a cota 25, é permitida a construção de prédios de até cinco pavimentos para abrigar o comércio, serviços, escolas e outras instituições. Para residências multifamiliares, são permitidos prédios com quatro pavimentos. Da cota 25 a 50 — limites técnicos estabelecidos por lei para a ocupação do solo, são permitidas residências para uma única família. Mesmo com estas limitações, o bairro não foi invadido por edifícios, embora muitos barracos, principalmente no morro do Cruzamento, insistam em

ocupar as regiões altas irregularmente, após a cota 50, segundo a Secretaria de Obras de Vitória.

Problemas

A Comunidade Nação de Jucutuquara (Conaj), fundada há cinco meses, é a associação de moradores do bairro. O secretário-geral da entidade, Lírio Zani, 53 anos, contou que a Conaj surgiu com o objetivo de promover a confraternização dos moradores que “estavam perdendo seus laços”. Além disso, a entidade tem o papel reivindicatório frente ao poder público. A Feira de Comidas Típicas e Artesanato na Praça Professor Lélis, atrás da Escola

Técnica, todas as sextas-feiras, à noite, foi uma iniciativa da Conaj que deu certo.

A falta de escolas públicas de primeiro grau — a que existe, além da Escola Técnica de segundo grau, é particular —, segurança, áreas de lazer, de um supermercado, e a melhoria da sinalização do trânsito são reivindicações dos moradores de Jucutuquara. A PMV está construindo uma pré-escola no bairro e, para 92, a prioridade determinada pelos moradores foi a reconstrução de um muro de arrimo na Rua José Francisco Monjardim, que ameaça derrubar várias casas. Além disso, a praça principal do bairro será reformada.

As prioridades para os moradores dos morros do Cruzamento e Rio Branco são escadarias e obras de contenção das encostas — muitas pedras ameaçam deslizar nos dias chuvosos. O presidente do Centro Comunitário do Morro, José de Oliveira Batista, 32 anos, diz que sua entidade luta com dificuldade para atender à população carente que habita a região. 30% dos moradores do Cruzamento moram em barracos, mas a maioria dos que lá vivem ganha apenas um salário mínimo. Ele conta que o Centro Comunitário se vê envolvido com trabalhos funerários dos que morrem e não têm recursos. Aliás, a sede da entidade hoje está ocupada por uma dona de casa com sete filhos porque a casa dela foi destruída. Em Jucutuquara, existem outras duas associações de moradores.

A Secretaria de Obras vai investir em Jucutuquara, Fradinhos e nos dois morros quase Cr\$ 100 milhões, segundo a titular da pasta, Isabel Cristina Sampaio, 37 anos. Este valor é referente a preços de agosto deste ano. Em Fradinhos, será construída e drenada uma rua. No morro do Rio Branco, serão erguidos dois muros de arrimo; além dos serviços de contenção das pedras. No Cruzamento serão erguidos muros de arrimo em vários locais.

Antigos moradores guardam lembranças

Os antigos moradores de Jucutuquara são apaixonados pelo bairro. O empresário do setor hoteleiro, João Dalmácio Castello Miguel, hoje está residindo na Ilha do Boi, mas passou 25 anos de sua juventude na chamada “Nação de Jucutuquara”. Ele vê, hoje, a descaracterização do bairro, com um trânsito violento, que impede que as pessoas joguem bola na rua, como no seu tempo. João Dalmácio sente saudade do tempo em que roubava jambo no sítio dos vizinhos e em que os “moleques” do bairro, como ele, tinham que pular os muros do estádio do Rio Branco para assistir a um jogo.

A bordadeira do bairro, Maria Piedade Pires Giavannotti, 86 anos, conhecida como dona Mulata, foi para Jucutuquara em 1932. “Tinha um valão enorme com muito peixe. As casas eram de palha e o brejo permitia que as pessoas mais pobres andassem a pé. As mais ricas a cavalo”. O bairro, na opinião dela, mudou para melhor, apesar dos assaltantes de hoje em dia. “O tempo antigo era muito sacrificado. Não existiam estradas e tudo era longe”, acrescenta.

Maria da Penha Cristo, 64 anos, veio com nove anos para o morro do

Cruzamento. Ela reclama da agressividade do bairro e da falta do apito da fábrica de tecidos e do sino da Igreja, que eram o relógio da população. Já a benzedeira Maria (Coroa) Ribeiro, 75 anos, está há 46 anos naquela região. Para ela, os tempos modernos não têm a animação e nem a amizade do passado de um bairro onde todos se conheciam. Durante muitos anos ela foi a parteira de Jucutuquara. “Era difícil as crianças nascerem no hospital, pois a Santa Casa ficava muito distante”. A paixão dela é a escola de samba, onde seu filho Ditão está à frente da bateria.



Maria Coroa: falta animação

Fradinhos tem maior área verde

Foto de Gildo Loyola

A fama verde de Fradinhos já se espalhou pela cidade. O bairro chega a ser apontado como o "pulmão" de Vitória por possuir a maior floresta: o Parque Estadual da Fonte Grande, e a Reserva Ecológica Municipal da Pedra dos Olhos. Esta área nobre, ocupada em boa parte por mansões, porém, vem pagando um alto preço pela falta de segurança. A frequência dos assaltos, arrombamentos, roubos, obrigou os moradores a contratar o serviço de vigilância particular, durante 24 horas por dia, para que pudessem viver com maior tranquilidade. O problema, aliás, vem desvalorizando o metro quadrado residencial de Fradinhos, que hoje pode ser comparado ao de Jardim Camburi, na faixa de Cr\$ 20 mil a Cr\$ 25 mil, segundo a Associação das Empresas do Mercado Imobiliário do Estado (Ademi).

O presidente da Ademi, Pedro Paulo Perim, 39 anos, contou que houve uma queda muito grande na procura por imóveis em Fradinhos devido à insegurança do bairro. Os ladrões não respeitam o bairro onde mora o prefeito da cidade, Vitor Buaiz, 48 anos, e a presidenta da Associação de Moradores, Ana Saiter, 34 anos, disse que a saída para contornar o maior problema do local foi a população bancar o custo de um módulo e contratar os serviços de vigilantes há quase dois meses. No último assalto até um ladrão foi morto depois que o serviço começou a funcionar, diz Saiter. Dados do setor de Relações Públicas da Polícia Militar mostram que, somente neste ano, foram registradas 40 ocorrências no bairro, contra as 221 verificadas em Jucutuquara, e nos Morros do Cruzamento e Rio Branco. Esta região, de acordo com a PM, é a terceira mais violenta de Vitória, depois do Centro da cidade e da Vila Rubim.

Dormitório

Fradinhos é visto por alguns como um bairro "dormitório" porque a grande maioria das atividades de seus moradores é desenvolvida fora de lá como o trabalho, o estudo, as compras. Lá, sequer existe uma padaria.

Os únicos estabelecimentos comerciais do lugar são quatro bares, de acordo com Ana Saiter. As duas escolas de Fradinhos — uma municipal de primeiro grau, com serviço de creche, e outra particular — são frequentadas pela maioria das crianças da redondeza do bairro, diz Saiter.

A ampliação da rede de iluminação pública, a falta de consciência dos moradores — que levam o lixo para as ruas fora dos dias do recolhimento pelo caminhão da PVM e a carência de áreas de lazer são problemas. O bairro possui uma pequena praça além de dois campos de futebol — estes últimos de propriedade particular onde o pessoal joga "pelada".

O saneamento básico e o calçamento de ruas são as prioridades da PMV para o próximo ano. O desrespeito de alguns donos de terrenos em construir suas mansões fora da zona estabelecida pelo PDU, segundo a Secretaria de Obras do município, faz com que algumas residências estejam sem o **habite-se** — documento expedido pela pasta, aprovando o projeto de construção do imóvel. Há casos em que a obra é embargada pelos fiscais, mas seus proprietários sequer levam o assunto em consideração, de acordo com a titular da Semob, Isabel Cristina Sampaio, 37 anos. A PMV está intensificando a fiscalização em Fradinhos, diz ela.

Devastação da mata

A precária fiscalização do Parque da Fonte Grande, cuja desapropriação pelo Governo estadual foi iniciada em 1986, e da Reserva da Pedra dos Olhos preocupa os moradores de Fradinhos. Ao todo existem três fiscais — dois do Estado e um do município —, e a Associação de Moradores denunciou que árvores estão sendo derrubadas e os passaros desaparecem por causa da caça. O Instituto de Terras, Cartografia e Florestas (ITCF) e a Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura (Semmam) admitiram a ineficiência do número de fiscais. Os dois órgãos aguardam a realização de concurso público para que a vigilância seja melhorada e funcione em um esquema de 24 horas. O Parque

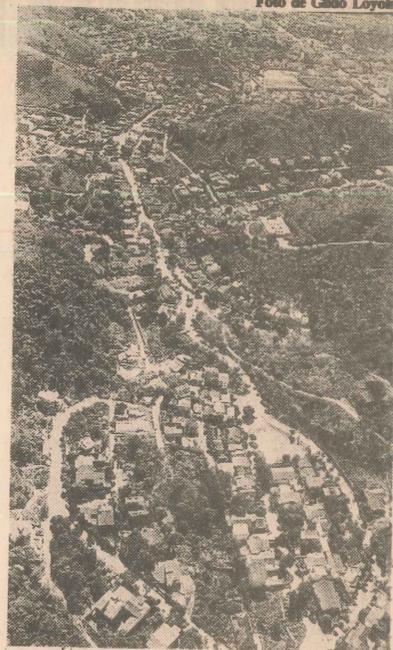
da Fonte Grande tem 218 hectares e abrange vários bairros. O da Pedra dos Olhos possui uma área de 6,5 mil metros quadrados.

Passado

O geógrafo da Semmam, Wills de Faria, 42 anos, descreve Fradinhos como o fundo de um vale, onde nascia o Rio Jucutuquara, que hoje foi canalizado e coberto na Avenida Paulino Muller. As águas desse rio, que se encontrava com outro nascido em Maruípe, no passado, já chegaram a abastecer o lado norte da capital. O rio, porém, acabou tornando-se um córrego recentemente, virou foco de mosquitos e ratos por causa dos esgotos e lixo jogados em seu interior pela população.

O morador mais antigo de Fradinhos, o aposentado Áttila Malta, 81 anos, sempre viveu ali. O início da urbanização do bairro, segundo ele, ocorreu há 20 anos, com a construção de um conjunto de casas simples, apelidado pelos moradores de "Pombal". "Eram residências tão pequenas que pareciam casas de pombos", lembra. Os índios ocuparam a região há séculos e até um cemitério, contendo urnas de argilas, onde os corpos dos indígenas eram depositados foi encontrado. Seu Zizi, como é conhecido, e o pecuarista Geraldo Rebelo (seu Gegê) 60 anos — 40 dos quais no bairro — contam que o nome Fradinhos surgiu, segundo histórias dos antigos — em razão de uma promessa feita por uma família que queria ver seu filho pequeno curado. A mãe, depois de ver o menino livre de uma doença, passou a vesti-lo com roupa de frade. "E o pessoal começou a falar: 'Lá vai o fradinho'", contaram.

Os moradores antigos também contam história (ou lendas) sobre a existência de um tesouro enterrado por jesuítas que habitavam um mosteiro nas proximidades da Pedra dos Olhos. Zizi e Gegê chegaram a contar que um seminarista veio da Itália com um mapa e levou o tesouro — ouro e pedras preciosas — para o país. Antigamente, Fradinhos, segundo seu Zizi, pertencia a três famílias: a de seu avô Bernardino Ramalho de Araújo Malta, aos Monjardim e aos Jantorno. O bairro era



Fradinhos cresceu entre as árvores

uma zona rural onde se plantavam café, cana, entre outros.

Seu Gegê, um solteirão nascido em Tabuazeiro, abandonou o corre-corre da vida moderna e, desde seus 20 anos, mora em Fradinhos. Hoje, em um barraco de madeira, instalado em um pedaço de terra onde cria 80 cabeças de gado, patos, porcos, galinhas. Ele, com quatro empregados, vende leite puro aos moradores da redondeza e queijo. "Lá embaixo, sou um estrangeiro", afirma, acrescentando que a cada 20 dias se vê obrigado a descer de seu canto no alto do morro da Fonte Grande para fazer compras.

Jandira Ribeiro, 76 anos, chegou em Fradinhos em 1936. Ela, mora num barraco com seus filhos, netos e a nora. Ao contrário de Gegê, que tem em sua choupana televisão em cores, energia elétrica e rádio, Jandira mantém contato com a civilização através do programa do radialista Jairo Maia, seu ídolo. Com poucos dentes, muitas rugas e raros fios de cabelo, ela teme a violência das cidades. Jandira já teve seu barraco arrombado por mais de três vezes e Gegê perdeu vários dos animais que cria no pasto. Os dois têm uma coisa em comum: querem morrer onde estão.